



Storytelling e Metodologias Sensoriais para o Ensino de Astronomia para Deficientes Visuais

Autor(res)

Angelica Da Fontoura Garcia Silva
Michelle Di Loraine Brito Peixoto
Jeanne Dobgenski

Categoria do Trabalho

Iniciação Científica

Instituição

ANHANGUERA - EAD

Introdução

A astronomia “é, na sua essência, a ciência da observação dos astros. Seu objetivo é situá-los, no espaço e no tempo, explicar os movimentos e as suas origens, descobrir a sua natureza e as suas características” (MOURÃO, 1997, p. 22). Instiga-se, de uma forma mais prazerosa, à abstração e à investigação do micro e macrocosmos. Yoshikawa (2010) explica: o ensino de uma ciência qualquer valoriza o método da observação. A prática docente em vigor continua com o método tradicional em que se utilizam recursos visuais, dificultando o ensino a alunos com problemas de visão. O storytelling é uma habilidade ancestral. Significa “contação de histórias” e como proposta de recurso didático pode trazer ao aluno deficiente visual (DV) “a visão daquilo que é contado”, “enxergando com os ouvidos”. Além do storytelling, pode-se utilizar tecnologias e materiais sensoriais diversos. São recursos responsáveis por favorecer o ensino por outras vias, focando nos sentidos mais desenvolvidos pelos alunos DV.

Objetivo

Apresentar uma proposta de pesquisa que busca estudar o storytelling e as metodologias sensoriais para o ensino da astronomia voltado aos estudantes com deficiência visual.

Material e Métodos

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica no catálogo de teses e dissertações da CAPES, por meio dos operadores booleanos AND e OR, usando as palavras-chave “contação de histórias”; “educação inclusiva” (EI) e “astronomia”, além de uma busca na plataforma Google. Por meio desta, procurou-se justificar e fundamentar teoricamente a pesquisa proposta, tendo em vista contextualização histórica. Além disso, foram levantadas atividades acadêmicas que possam ser utilizadas no ensino da Astronomia para alunos DV.

Resultados e Discussão

Para Vigotsky (1989, p. 35 apud SANTANA, 2019, p. 2) não existem diferenças na educação de uma criança vidente e uma cega, só se muda o caminho a seguir para o aprendizado.

É importante existir programas de capacitação docente com vista à elaboração e concepção de aulas estimulantes



tanto ao profissional quanto ao estudante, seja ele deficiente visual ou não, para tanto, pode-se partir do princípio de significação de mundo de Paulo Freire (ROCHA, 2016). Dessa forma, por meio do uso de recursos que quebrem as barreiras do uso de lousa e giz e partam para o estímulo sensorial, espera-se possibilitar que o ensino de astronomia ocorra também para o deficiente visual. Este estudante pode não ter visão ou ela ser parcial, mas seus outros sentidos são mais desenvolvidos justamente para suprir a falta da visão. Portanto, experiências táteis e auditivas podem auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Conclusão

Espera-se contribuir com aspectos metodológicos eficientes para a aprendizagem dos alunos DV. Pretende-se mostrar a relevância da preparação dos docentes, recursos didáticos e da instituição possibilitando um ensino significativo e atrativo para a EI. Tanto alunos videntes quanto DV, por meio de aplicação de metodologias diversas, poderão usufruir do conteúdo ensinado. Isso se dará por meio da prática no ambiente escolar e da preparação dos professores, buscando sempre o seu aprimoramento.

Referências

- MOURÃO, R.R.F. (1997) Da terra às galáxias: uma introdução à astrofísica. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, p. 22.
- ROCHA, Rafael Gomes Coelho da. Ensino de Astronomia na Perspectiva da Inclusão de Deficientes Visuais em Aulas de Física do Ensino Médio. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza. Niterói, 2016.
- SANTANA, Carla Suely Correia. Tateando o Céu: ensino de astronomia para estudantes com deficiência visual. Pós-Graduação em Astronomia Mestrado Profissional UEFS. Feira de Santana, 2018
- YOSHIKAWA, Renato Chimaso dos Santos. Possibilidades de aprendizagem na elaboração de materiais didáticos de biologia com educandos deficientes visuais. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.